

Colóquio sobre Bandas de Música

Santa Maria da Feira, 17 de Março de 2012

Organização: Cardoso & Conceição

Relatório e conclusões

O objectivo do colóquio foi permitir conhecer as realidades Filarmónicas Ibero-Americanas, reflectindo sobre as alterações introduzidas e o impacto que estas causaram.



Exposição do Maestro Carlos Dieguez - Galiza

As Bandas Filarmónicas são instituições culturais, centenárias, de inestimável valor. Preserva-las é obrigação de toda a sociedade. Grande parte da dinâmica cultural, regional e até nacional, passa por este universo. A definição de objectivos estratégicos, (artísticos, culturais e sociais) é condição para que estas instituições se mantenham activas, organizadas e se desenvolvam continuamente como é desejável. Cabe às direcções destas sociedades musicais estabelecer objectivos a curto, médio e longo prazo tendo em vista o fim atrás referido. As Bandas Filarmónicas são instituições que nasceram do povo e funcionam para ele. Pese embora dependam em parte de subsídios estatais para o exercício da sua função, também o estado lhes deve o papel de o substituir em locais onde este não chega, nomeadamente no interior.

Apesar de serem pólos de cultura sobejamente reconhecidos, de possibilitarem aos jovens a aprendizagem da arte musical a custo zero, também é no seu seio que surgem tendências de mudança, resultando, não raro, em atitudes que na forma são complementares aos objectivos das Bandas, porém, à posteriori manifestam-se completamente antagónicas aos princípios para os quais existe uma associação desta natureza.

O aparecimento, consentido, de grupos de animação, constituídos por músicos das Filarmónicas, acabaram por as substituir nas festas e romarias provocando severa fractura na obtenção de receitas, que em muito ajudavam a colmatar os custos de funcionamento.

Na Galiza esta alteração originou a eliminação quase por completo das Bandas nas Romarias tradicionais. As novas “Orquestras Show”, constituídas por um pequeno número de ex-filarmónicos, (entre 10 e 20) que cobram um cachet superior ao de uma Banda Filarmónica com mais de 50 músicos e apenas fazem

3 a 4 horas de espectáculo, impuseram-se subtilmente e parece que vieram para ficar.

Outra das atitudes que levaram a que a Banda Filarmónica fosse perdendo o carisma foi precisamente a deterioração da sua identidade original. A Banda Filarmónica é um grupo de músicos sob a direcção de um Maestro, que promove a animação de uma festa tradicional deste o início ao fim do dia. Executa marchas em desfile, em procissão, acompanha as cerimónias religiosas, faz concertos em corectos e auditórios levando ao povo a música do povo.

A inserção de música estrangeira, que quase por completo substituiu a musica do povo, levou a que este considerasse que a Banda havia mudado de identidade.

Na década de 60, na Galiza, desapareceram grande quantidade de bandas, em grande parte devido à criação de “Orquestas Show” e à emigração. No principio da década de 90, graças ao apoio das Câmaras Municipais, as Bandas começaram a reaparecer com escolas de música. Havia duas, três ou mais bandas, por Câmara Municipal mas acabaram por se fundir, de forma pacífica, criando uma só Banda, direccionando para esta toda atenção e apoio. Existem na actualidade cerca de 87 Bandas Filarmónicas federadas na Galiza, (há a acrescentar ainda outras que não se federaram), 3 bandas profissionais civis, 3 bandas militares, 3 bandas semi-profissionais e bandas de Conservatorios ou Escolas Municipais. No total são cerca de 110. No Séc. XX chegaram a existir cerca de 315 Bandas Filarmónicas. Das cerca de 95 (bandas filarmónicas) que existem, algumas estão a atravessar momentos muitos difíceis devido à falta de recursos e de músicos. Os motivos ainda são a emigração e falta de actividade - trabalho. Deixaram de ser solicitadas para festas e romarias remuneradas, substituidas pelas “Orquestas Show” e as charangas. O quadro de efectivos (músicos) que compõe as Bandas galegas é normalmente de 50 músicos. Raramente ultrapassam esta quantidade.

Para repôr a identidade, promover a aproximação e conseguir de novo a estima do povo, as Bandas da Galiza, organizaram-se numa Federação, estão a desenvolver um concurso de composições originais para Banda com um prémio importante em dinheiro, criaram uma base de dados de partituras para Banda disponíveis gratuitamente, editam obras de compositores espanhóis, estão a desenvolver as suas escolas de música recorrendo a professores qualificados e a promover programas de concertos e concursos bandísticos.

As Bandas da Galiza estão disponíveis para colaborar com as congéneres portuguesas em intercâmbios culturais quer de maestros quer de Bandas ou em actividades pedagógicas.



A música é, desde a sua origem, um dinâmico e permanente Processo Sistémico de Comunicação. O homem vive intrinsecamente ligado à música e por meio dos sons tem necessidade de expressar as alegrias da vida, as suas tristezas, assim como o desejo de amar e de rezar. Ao longo do tempo sentiu também a necessidade do canto e da dança como formas de expressão. Por isso a música é um dom divino que temos de acolher como uma graça que nos é concedida.

Em 1975, José António Abreu, sensibilizado pela miséria que grassava pelos bairros pobres da Venezuela, onde se havia instalado o vício, a violência, a degradação da família e conseqüentemente da sociedade, propôs ao nosso governo um sistema através do ensino gratuito de música, com vista a retirar essa mácula da sociedade, pela disciplina que esta arte naturalmente impõe sem os alunos se aperceberem.

35 anos após, “El Sistema”, como é conhecido em todo o mundo, tornou-se “um exemplo para o mundo” - citando o maestro Claudio Abbado - permitindo a centenas de milhares de jovens integrarem a sociedade com confiança no futuro, com uma profissão, com autoestima e com energia para vencer as dificuldades da vida. Criaram-se centenas de orquestras juvenis e infantis, reestruturaram-se famílias, instalou-se um clima de confiança, de paz, de alegria, de superação das próprias capacidades individuais. Substituíram-se os maus hábitos por bons hábitos.

O maestro Jesus Perazzo apresentou um emocionante video que retratou a vida de alunos dos bairros pobres que se dedicavam a estudar música, desde tenra idade, da sua interacção com a comunidade e integração nas orquestras, o sistema de ensino, e as diversas orquestras que resultaram do sistema.

O maestro Jesus Perazzo, profundo conhecedor da nossa cultura, tendo publicado vários livros sobre autores portugueses bem como sobre a história da música em Portugal, elogiou a nossa cultura e a nossa música e terminou dizendo que *temos uma cultura maravilhosa pena é que não a divulgamos como devia ser. Somos demasiados modestos e, citando-o, “este é o vosso grande defeito”*. Terminou a sua apresentação sob grandes aplausos.

Jesus Perazzo é Maestro de Banda e Orquestra, docente e investigador musical. Foi professor da área da música na Universidade Monteávila de Caracas e Professor de Historia da Música no Conservatorio Simón Bolívar. Foi fundador da Banda Sinfónica Juvenil Simón Bolívar, adstrita ao “Sistema Musica da Venezuela” e actualmente é o seu director artístico.

Foi agraciado pelo governo português com a Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique, pelos serviços prestados na investigação e divulgação da cultura portuguesa.



As Bandas Filarmónicas prestam um elevadíssimo contributo à formação dos jovens assim como à interação geracional no seu meio. Sem estas a sociedade teria um vazio difícil de preencher. Foi graças a estas joias da cultura popular que se desenvolveram pelo nosso país dezenas de escolas de ensino artístico como Academias, Conservatórios e Escolas superiores, e também em outras áreas profissionais.

A realidade das Bandas do Sul (onde nasci) é drasticamente diferente das do norte. Com tradições e costumes locais diferentes, as Filarmónicas, embora tenham um papel cultural relevante, não são solicitadas para as romarias nos mesmos moldes que as do norte. Ou seja, não auferem os mesmos rendimentos nem são tão colocadas em causa, artisticamente, pelo que não existe a mesma motivação para desenvolver trabalho artístico com o ritmo que existe no norte. Seja pela vivência cosmopolita, ou pela da desertificação das áreas afastadas do litoral, no Sul as bandas atravessam um momento muito difícil, onde os valores sociais, culturais e pedagógicos, pilares e génese da essência da sua criação e dos valores maiores que na sua origem, acenta, a sua criação, as Bandas e as coletividades estão neste momento vazias de valores e de recursos humanos. Mais tarde ou mais cedo vai tudo voltar ao início por bem ou por mal da mesma forma que o mundo é redondo! Nessa altura vão todos descobrir o que deitaram a perder e perceber novamente que o que nos faz “Sociedade” são os valores e os princípios que nos moldam desde a nossa criação! E esses nunca se podem esquecer ou ignorar como forma de progresso.

Depois de assistir à apresentação do Maestro Carlos Diéguez, relativamente ao aparecimento das “Orquestras Show” na Galiza o que levou ao desaparecimento de mais de 100 Filarmónicas, creio que é um pormenor importante a ter em conta nas nossas filarmónicas para que não suceda o mesmo cá. É útil que os miudos variem na forma e estilo de fazer música mas sempre em consonância com os interesses artísticos e sociais da sua sociedade.

Os dois podem habitar plenamente desde que não interfiram no espaço próprio que cada um pode e deve ocupar na nossa sociedade! Não se pode tratar coisas absolutamente diferentes da mesma maneira! Vai sempre correr mal para um deles! E como disse, mais tarde ou mais cedo algum dos dois vai precisar do outro!!! Há espaço para todas as manifestações culturais! E na música também! Tudo tem o seu espaço e tempo próprio!!

As Bandas Militares são um pequeno universo profissional em Portugal. Dependem da Instituição Militar e os músicos desempenham esta função em exclusivo. Estas Bandas estão vocacionadas para cerimónias militares de várias índoles, sendo contudo solicitadas frequentemente pela sociedade civil, para realizarem concertos em eventos de especial interesse público. São referências para as Filarmónicas e algumas, como é o caso da Banda da Armada, são francamente acarinhadas e muito requisitadas, pelo elevado nível artístico que se lhe reconhece. Fazem praticamente todo o tipo de repertório. A selecção dos músicos é feita por concurso sob critérios que passam pela avaliação do nível artístico do candidato em exame público, exames médicos e de robustez física.

Posteriormente os candidatos aprovados frequentam um curso versado em matérias de âmbito militar durante alguns meses, a chamada recruta, e depois o Curso de Formação (de Marinheiros no caso da Banda da Armada) que é igual a todos os militares que ingressam. Na Marinha são sensivelmente 3 meses. Findo o qual, obtendo aprovação, iniciam a carreira de militar músico. Pela Banda da Armada passaram alguns dos melhores músicos e maestros do país!

O Concurso de Bandas Ateneu Vilafranquense é um evento que permite às Bandas Filarmónicas desenvolver um rigoroso trabalho de aperfeiçoamento com posterior avaliação.

Um concurso como este deve ser entendido por este prisma. As Bandas Filarmónicas precisam de objectivos para desenvolver o seu trabalho. A participação em concursos tem esta virtude: levar à avaliação o trabalho que se produz. Não há nenhum júri ou concurso perfeito, mas se os juizes forem isentos e de insuspeita qualidade artística, como é reconhecidamente o caso do Concurso do Ateneu, a sua avaliação ajudará a Banda que se expõem a conhecer-se melhor, a autoavaliar-se quer no seu contexto quer no contexto do meio em que se insere.

Depois de alguma interacção com o auditório relativamente aos temas tratados, o Maestro Délio Gonçalves terminou a sua intervenção colocando-se futuramente à disposição das Bandas de Música ali representadas, para colaborar no quadro das suas competências e disponibilidade.

Foi muito aplaudido e a sua exposição absorvida ao detalhe. Foi muito importante a vinda do Maestro da Banda da Armada a este colóquio. A sua frontalidade, a sua sapiência e a emoção com que transmite as suas ideias, sensibilizou positivamente o auditório.

Exposição do Luthier Jorge Lopes - Luthier (reparador) de Instrumentos de Sopros



Alocução breve (considerando o adiantado da hora) sobre como preservar os instrumentos de sopros. Objectivo, evitar recurso aos luthiers para pequenas reparações ou ajustes que o próprio utilizador pode realizar. O Luthier Jorge Lopes afluente, teoricamente, alguns dos problemas que surgem nos instrumentos e como os reparar. Ofereceu ainda os seus préstimos (a reparar) de 4h a cada instituição presente no colóquio (25), na sua própria sede, em data posterior a combinar. Aí, em cada local, explicará na prática como se faz a reparação. Esta oferta de serviço foi extensível à Banda da Armada como demonstração de apreço pela excelente exposição do Maestro Délio que a todos sensibilizou.

O colóquio foi encerrado por Mário Cardoso com uma breve reflexão sobre a importância dos temas abordados.



Conclusão

1. É necessário que se unam esforços na prevenção de males que aconteceram noutros países, nomeadamente acções de descaracterização da identidade das Filarmónicas;
2. É necessário promover projectos que gerem entusiasmo em torno da música Filarmónica, como intercâmbios culturais, concursos, Festivais e acções pedagógicas;
3. É necessário que as Sociedades Musicais defendam sem extremismos a música que à cultura das suas gentes diz respeito bem como a música original de Banda;
4. É necessário que periodicamente as Bandas se reúnam e reflitam sobre o movimento presente e sobre o que se perspectiva para o futuro;

Reflectindo sobre esta problemática estamos a contribuir para que os grandes baluartes da nossa cultura musical se preservem vivos, actuais e cada vez mais, justamente, valorizados.

Foi um grato prazer contar com a presença neste colóquio de tão distintas personalidades da música. Se não antes, no próximo ano voltaremos ao tema e contamos de novo com a presença e colaboração de todos.

Bem hajam

A Organização

